



PROCESSOS DA AMOEDAÇÃO EM PORTUGAL



O fabrico da moeda em Portugal pode dividir-se em dois grandes períodos: o primeiro, que vai desde o princípio da monarquia, cêrca de 1140, até 1678, em que predomina quási que exclusivamente o emprêgo do martelo; e o segundo, que começa nesta data até aos nossos dias, e é caracterizado pelo uso das máquinas.

No entanto não deixaremos de registar as várias tentativas que se fizeram para o melhoramento da amoedação, e especialmente as do séc. XVI, para a cunhagem das moedas por outros processos que não os do martelo.

A mais antiga de que temos notícia é divida ao fundidor João Fernandes, que se ofereceu a Ei-Rei D. João III, em 1548, para fabricar moeda *polla arte de moldar he imprimir em areia*, isto é, por meio da fundição em moldes de areia, do que resultava, segundo êle, muito maior rendimento, pois que, por êsse processo, fazia êle "*mais em hũ dia do q. fazem quatro moedeiros*,"(1). Mas, a não ser algumas *provas*, não consta

PRENSA POR SEEVITAR O SERSEARSE O DINHEIRO ANNO 1678.»

No Museu Arqueológico do Carmo pode ainda hoje admirar-se êsse engenho de 1678, que marca uma data notavel na história monetária de Portugal. (1)

Decorridos dez anos, Manuel Rodrigues da Silva inventa a *serrilha* para preservar as moedas do cerceio, por forma que, pelas leis de 1686 e 1688 são mandadas recolher as moedas, respectivamente de ouro e de prata, para se *encordoarem e cunharem com nova orla*. (2) Exclusivamente com êsse fim diversas casas da Moeda se abriram pelo país, mas, porisso mesmo, de pouca duração. (3)

Em 1726 entra na Moeda outra máquina de cunhagem trazida por Francisco Montegui; porem nada se sabe do destino ou emprêgo que ela teve.

Por êsse tempo, muito se aperfeiçoaram os engenhos da Moeda, devido ao fiel António Martins de Almeida, e tão perfeitas eram as moedas que aí se lavraram que, passando a fronteira a fama delas, o rei de Hespanha mandou pedir a D. João V um modelo dêsses engenhos, que para Madrid seguiu em 1729, acompanhado de um hábil moedeiro português.

Dessa época (1730) tambem data a curiosa e lisongeira apreciação dum estrangeiro, que a seguir transcrevemos: "À beira do Tejo, para a parte do poente de Lisboa, vê-se a Casa da Moeda (isto é, já na rua de S. Paulo) onde se fabrica o dinheiro, com tanta perfeição, pelo menos, como em França". (1)

(1)—Veja-se o desenho da parte central dessa máquina, que reproduzimos neste artigo (fig. 3).

(2)—Vid. os respectivos *alvarás* de 9 e 20 de Agôsto de 1686, 11 de Março e 13 de Maio de 1688. Cfr. Aragão, ob. cit. a págs. 314, 315, 334 e 335.

(3)—Vid. o nosso artigo *âcerca da Numária de Pax Julia* in *Revista de Arqueologia*, Vol II.

que se lavrasse moeda por semelhante forma.

Igualmente vasadas eram as moedas de ouro que saíam da máquina ou *engenho* de João Gonçalves, e que são as primeiras entre nós que tem data, 1562. Nessas moedas também se verifica, junto à orla, um circuito granulado de alto relêvo para evitar o cerceio delas (vid. fig. 1). Porém, muito embora fôsse então reconhecido que essas moedas eram mais perfeitas do que as fabricadas pelo martelo, ao emprêgo dêste se voltou, por algo dispendioso ser o *engenho* de João Gonçalves.

Passados anos, uma nova máquina—agora francesa—veio para a Casa da Moeda em 1649; mas, pouco tempo depois, já ela tinha sido posta de parte para se tornar outra vez ao uso do martelo. Contudo, foi nessa máquina que se cunhou a moeda da *Conceição* que é simultâneamente medalha, pois comemora a adoção que El-Rei D. João IV fizera de Nossa Senhora da Conceição para Padroeira do Reino, nas côrtes de 1646 (2) (vid. fig. 2).

Foi sòmente em 1678 que, por completo, se abandonou o velho processo do martelo, para se adoptar definitivamente a maquinaria; e isto por iniciativa de D. Luiz de Menezes, 3.^o Conde da Ericeira, como vèdor que era então da Fazenda. Eis a inscrição que se lê nessa máquina:

«SENDO REGENTE DESTES REINOS O PRINCIPE DOM PEDRO
DOM LVIS DE MENESES CONDE DA ERICEIRA DO SEV CONSE-
LHO E VEDOR DA FASENDA DA REPARTISAO DA INDIA MAN-
DOV MYDAR A FABRICA DA MOEDA DE MARTELO A ESTA EM-

(1)—Vide as informações que ácerca de tal deu a El-Rei o Provedor da Casa da Moeda. In *Tôrre do Tombo, Corpo Chronologico*, parte I, maço 81, doc. n.º 117. Cfr. T. de Aragão *Descripção das da Moedas*, vol. I, pag. 272.

(2)—Vid. o nosso artigo *A moeda da Conceição*, publicado em *A Voz* de 8 de Dez.º de 1934.



4.400 reis de D. Pedro II
(Quando Príncipe Regente)

Tipo do último lavramento batido pelo martelo

T. VIII, PAG. 161



4.000 reis de D. Pedro II
(Quando Príncipe Regente)

Tipo das primeiras moedas cunhadas pela máquina

T. VIII, PÁGS. 159 e 161

De então para cá, o lavramento da moeda tem vindo a aperfeiçoar-se a pouco e pouco, como é natural, correspondendo hoje a maquinaria da Casa da Moeda a todas as exigências da engenharia moderna.

Todavia, não deixaremos de salientar que, se industrialmente a máquina representa um grande aperfeiçoamento de uniformidade nas moedas, não é menos certo — a nosso ver — que ela esmagou, no seu industrialismo mecânico, a Arte, no que ela tem de tradução directa da sensibilidade humana. Porisso artisticamente bem mais nos encantam as velhas peças batidas pelo primitivo sistema do martelo, do que as resultantes dos poderosos engenhos da actualidade.

PEDRO BATALHA REIS

(1) — Cit. por T. de Aragão, *Descrição das Moedas*, vol. I.

